

A CIÊNCIA, A TÉCNICA E O EXÉRCITO

Ten-Cel WALTER DOS SANTOS MEYER,
Oficial de EM

Não constitui novidade para qualquer pessoa medianamente entendida em assuntos militares que após o advento da bomba atômica no campo de batalha esta tornou-se integralmente técnico-científica.

Nas épocas mais remotas da desarmonia humana, as guerras, em geral, se decidiam entre grupos armados especializados nesse mister e nenhuma repercussão traziam às grandes nações étnicas a que estes grupos pertenciam, a não ser a escravização implacável dos vencidos. Pouquíssima ou nenhuma alteração de ordem política no vencedor, mesmo social e especialmente na sua economia interna, e todos os dissabores para o vencido, do qual o maior dêles era a perda da liberdade política nacional e conseqüentemente da liberdade de cada cidadão. Pelejava-se frente a frente, peito a peito, a arma branca. A mortandade era elevadíssima. Não havia praticamente manobra no campo de batalha e até os chefes entravam na liça.

À medida que o tempo passa e a civilização evolui, novos elementos surgem no campo de batalha e são cada vez mais explorados pelo homem em seu incessante e contínuo aprimoramento da faculdade de pensar.

O cavalo permite a manobra e a surpresa, o desbordamento e o envolvimento e, pois, as ações sôbre a retaguarda e as linhas de comunicações. Os elefantes são os primeiros elementos de que se lança mão para obter o poder de choque. O arco e a fleça começam a distanciar os combatentes e são posteriormente seguidos das catapultas e outros engenhos arremessadores de projetis. A melhoria constante dos caminhos e das estradas permite as primeiras manifestações de movimentos estratégicos e as populações mais próximas dos campos de batalha, embora não empenhadas diretamente nela, começam a sofrer as conseqüências do choque de vontades opostas. As armas de fogo mais distanciam os inimigos, porém as populações interiores têm aumentados os seus sofrimentos. A melhoria dessas armas separa ainda mais os combatentes e mais sofrem também os cidadãos não militares. Com a revolução francesa realiza-se a primeira convocação geral de uma nação para a defesa de sua integridade. Daí por diante as guerras passam a

ser entre as nações como um todo e não mais entre grupos especializados em sua defesa: os exércitos que possuíam. É a guerra nacional em que tôdas as famílias concorrem para os efetivos mobilizados, porém as conseqüências dos combates ainda não chegam a todos os rincões do país.

O advento do telégrafo e da estrada de ferro permite as transmissões de ordem com uma rapidez até então desconhecida e também a concentração de grandes efetivos nos locais desejados em tempos muito curtos. Surge a necessidade de se possuir grandes efetivos em armas para não se ser dominado de saída. Chega-se à 1ª Grande Guerra. Os enormes efetivos conduzem a uma guerra de estabilização, pois é impossível a manobra que fôra apanágio dos grandes capitães nos dois séculos anteriores. A manobra vai ser possível com o surgimento do carro de combate, após a ruptura das frentes extensíssimas. E o avião vai levar definitivamente a destruição e a ação potente a qualquer parte do território inimigo. Eram a ciência e a técnica presentes no campo de batalha e surgindo como a solução para o impasse então criado. Nos tempos que medeiam entre essa conflagração e a que se convencionou denominar de 2ª Grande Guerra êsses meios foram enormemente melhorados. A motorização se faz constante e permanente nos campos de luta e o envolvimento vertical pelos pára-quedistas completou finalmente o quadro tétrico da guerra hodierna. A guerra química que surgira mortífera, hedionda e avassalante em 14-18 não se faz presente no campo de batalha em 39-45, mais é durante tôda sua duração um tremendo fantasma a pesar sôbre todos os seres humanos pertencentes aos países em luta. Igualmente a guerra biológica constitui ameaça latente que a maioria espera surja a cada minuto em cada cidade, em cada torneira, em cada plantação ou disseminada sôbre os rebanhos.

É a predominância incontestável da ciência sôbre o campo de batalha, sôbre as cidades, sôbre as vilas, sôbre as grandes plantações e rebanhos sôbre tôda a nação que se empenha em disputa com o inimigo. E o clímax dessa predominância se realiza sôbre Hiroshima e Nagasaki quando as duas bombas atômicas americanas fazem com que os nipônicos peçam a paz incondicionalmente em poucos dias.

Chegara-se, praticamente à perfeição no emprêgo da ciência e da técnica na arte da guerra, coisa que talvez nenhum dos grandes capitães, desde Alexandre até Napoleão, poderia jamais sonhar.

Mas essa mesma guerra que viu atingir-se a uma decisão por meios técnico-científicos, foi prenhe de outros petrechos de alta valia, como o radar, os aviões a jato, as bombas voadoras ou foguetes, os gases sem côr, sem gôsto e sem sabor e tantos outros que nos cansamos de ler, ver em revistas e jornais e poucas, pouquíssimas ou nenhuma vez os pegamos, os tocamos, os sentimos e os possuímos.

Sim, afora os equipamentos que foram comprados para a nossa Fôrça Expedicionária e que depois trouxemos para cá, a maioria dos adiantamentos que nos chegam, ou chegam pelas revistas e jornais ou

vêm ter às nossas mãos depois de ultrapassados por outros mais modernos, isto é, quando já se estão tornando obsoletos em seus países de origem.

A nossa preparação intelectual é boa, muito boa mesmo. A grande parte de nossos militares que seguem para o exterior para frequentar cursos nos exércitos de outros países destaca-se e obtém resultados extraordinários. Isto prova que a mente é capaz e que não há superioridade de quaisquer outros sobre nós. E note-se que ingressamos nesses cursos dentro das mesmas condições que são exigidas para os naturais do país e, muitas vezes, a língua é obstáculo não pequeno a vencer.

Mas no país, no nosso Brasil, ainda temos, praticamente, mais de vinte anos depois de começada a guerra de Hitler, os mesmos materiais com que nela enfrentamos os "tedescos" e o pouco que vimos mais adiantado e moderno nos vem sob uma modesta e triste forma de defesa mútua do hemisfério.

Urge um novo planejamento, semelhante ao do Marechal Hermes da Fonseca, e que nos dote de material nosso, mesmo que comprado, moderno, eficiente, tal que ao tocá-lo sintamos que também entre nós a ciência e a técnica já estão casadas aos militares para a defesa da Pátria.

Leio nos jornais que nossa indústria já é capaz de atender a 80% de nossas necessidades fundamentais em máquinas para as indústrias de base; nossa indústria automobilística deu um salto de campeão mundial em cinco anos; a indústria de construção naval passa da infância à maturidade sem tocar na adolescência; a de tratores pesados surge finalmente; a de grandes geradores elétricos aí está; a de transformação atende a quase todas as necessidades nacionais; a de pequenos aparelhos elétricos cresce diariamente, mormente nos rádios, televisões, telefonia e telegrafia; as fábricas de vagões ferroviários ganham concorrências internacionais; a indústria petroquímica inicia sua caminhada vitoriosa logo após a de petróleo e a de borracha já nos dá completa produção para as necessidades do país.

Que mais nos falta? Pouco, muito pouco mesmo.

Mas entre esse pouco, esse muito pouco falta a pesquisa científica no âmbito das Forças Armadas, falta a pesquisa orientada no sentido da defesa da Pátria, falta a pesquisa objetiva para a produção de nossos armamentos, nossos aviões, nossos navios. Já se faz algo, reconhecamos, mas esse algo ainda é muito pouco. No estágio técnico-científico a que já atingimos não é possível esperarmos mais e continuarmos a depender de planos de defesa mútua, de acordos internacionais, de convênios ou que outros nomes tenham. Nossa indústria não é mais incipiente. Já satisfaz, na realidade, a quase todas as nossas necessidades e não há país nenhum que tenha indústria que lhe satisfaça 100% suas necessidades.

Falta a correlação da ciência e da técnica para a produção dos nossos armamentos e dos nossos petrechos de combate; dos nossos abrigos e dos nossos radares; dos nossos fuzis automáticos e dos nossos foguetes; dos nossos canhões e dos nossos projetis intercontinentais; dos nossos alimentos de campanha e dos nossos abrigos e vestimentas, enfim, de tudo aquilo que é indispensável a uma força combatente moderna nessa época de guerra atômica estratosférica, seja ela de terra, de mar ou de ar.

E assim como em muitas outras coisas foram as Forças Armadas do Brasil as pioneiras em seus respectivos campos, urge que também agora se ponham verdadeiramente à testa do pleno aproveitamento da ciência e da técnica em benefício de nossas preparações para a guerra.

As instalações que já possuem, os técnicos de que já dispõem e os chefes bem preparados que todos os anos emergem de suas escolas bem que podem, se se derem as mãos e as cabeças — e mais primordialmente o CORAÇÃO — servirem de base de partida para a consecução dêsse objetivo, em prol da perenidade dêste magnífico Brasil!

